



O DIREITO À TEORIA – UMA ENTREVISTA COM LUIZ COSTA LIMA

THE RIGHT TO THEORY – AN INTERVIEW WITH LUIZ COSTA LIMA

Luiz Costa Lima
Entrevista por:
Carolina Anglada*
Aline Magalhães Pinto**

* angladacarolina@gmail.com
Doutoranda em Literaturas Modernas e Contemporâneas, no
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade
de Letras da UFMG.

** alinealinemp@gmail.com
Professora da Faculdade de Letras da UFMG.

1) EM UM EVENTO RECENTE, *MITO, MODERNIDADE E RELIGIÃO*, O SEU ENSAIO, CONFRONTANDO-SE COM A OBRA “WIKLICHKEITSBEGRIFF UND WIRKUNGSPOTENCIAL DES MYTHOS”, DE HANS BLUMENBERG, AVALIA O MODO COMO O MITO, NA CONTEMPORANEIDADE, CONFUNDIU-SE COM A SOCIALIZAÇÃO DO FALSO E COM O “COMO SE” DA FICÇÃO, PERDENDO AS CARACTERÍSTICAS CENTRAIS DO TERROR E DA POESIA, ELENCADAS PELO PENSADOR ALEMÃO. CONSIDERANDO A IMPORTÂNCIA QUE O MITO TEVE NA CONSTITUIÇÃO DE SABERES MODERNOS, GOSTARÍAMOS DE LEVANTAR UMA QUESTÃO MAIS ESPECÍFICA, SOBRE O QUE HAVERIA DE PROPRIAMENTE *MÍTICO* NA TEORIA DA LITERATURA, SOBRETUDO EM PAÍSES PERIFÉRICOS COMO O BRASIL.

Duas ressalvas hão de ser feitas: (a) faz-se muito pouca teoria no Brasil, onde vigora um claro desdém contra a teorização, considerada inimiga da literatura!; (b) se sua presença já é por si escassa, há de se considerar que, à medida que os tempos modernos avançam, o mito transforma seu potencial

positivo em negativo, i.e., em vez de revelar dimensões até então ocultas do mundo, o distorce em favor de interesses de grupos particulares e poderosos. Acrescentaria: sua presença negativa se confunde com a própria negação da premência do teorizar. Há então uma presença positiva do mítico no teórico? Para responder à pergunta, há de se considerar que o pensamento mítico e o teórico ocupam áreas distintas. A função principal do mítico, tanto em seu aspecto positivo como negativo, é de ordem social: trata-se de socializar um certo valor e uma certa conduta. O pensamento teórico tem por função estabelecer os parâmetros racionais de certa operação, em princípio suponho que textual. (A dificuldade imediata da teorização consiste que sua meta racional exige de seu praticante uma sensibilidade afinada). Neste sentido, ele não pode ter por meta principal persuadir uma sociedade do que motiva certa operação. Digamos por exemplo que se

trate de mostrar a diferença entre uma operação matemática e a metáfora. O teórico partirá de que a metáfora é polissêmica, enquanto a operação matemática é unívoca. Ser unívoca significa que a matemática revela a “essência” de algo? Não, creio que abusamos da noção de “essência”. A univocidade procurada pela matemática não revela o núcleo duro (a essência) de algo, mas sim sua indeterminação, i.e., as muitas linhas que resultam de sua dedução. Assim se explica por que de uma teoria matemática, não sendo polissêmica, decorrem várias direções. Como então o mítico poderá coincidir com o teórico? Diria que muito raramente, ou seja, quando uma afirmação teórica provoque a indeterminação de respostas.

2) EM UMA DAS ENTREVISTAS DE *LUIZ COSTA LIMA: UMA OBRA EM QUESTÃO*, QUESTIONADO A RESPEITO DA SUA FORMAÇÃO, O SENHOR RELATA QUE, AOS DEZESSETE ANOS, A LEITURA DA AUTOBIOGRAFIA DE UM MONTE TRAPISTA, CONVERTER-LHE-IA O DESEJO CONSOLIDADO, ATÉ ENTÃO, DE SER MATEMÁTICO, PELO ESTUDO DA LITERATURA. SEM SABER RESPONDER À PERGUNTA DE SEU PAI, “MAS COMO SE ESTUDA LITERATURA?”, O SENHOR DECIDIU PELO CURSO DE DIREITO. HOJE, O SENHOR SABERIA RESPONDÊ-LO? TENDO SE TORNADO UM ESTUDIOSO DA TEORIA DA LITERATURA, EU LHE PERGUNTO, AINDA, COMO SE *TEORIZA* NO BRASIL E COMO SE *ENSINA TEORIA* NO BRASIL?

Temo que minha resposta provoque a antipatia de meus pares. Como se teoriza? Antes diria: como não se teoriza. Não se teoriza porque os cursos de teoria antes enfatizam a

descrição de procedimentos teóricos do que a reflexão sobre eles. Daí a tendência a confundir teorização com aplicação metodológica de certa teoria a certa obra. Neste sentido, é verdade que teorizar é contra a literatura, pois é um procedimento mecânico, enquanto o texto literário vive da invenção textualmente estabelecida.

3) EM CONTINUIDADE COM A PERGUNTA ANTERIOR, SOBRE A ESPECIFICIDADE DO ENSINO DE LITERATURA, O ESTUDIOSO CANADENSE, NORTHROP FRYE, EM *ANATOMY OF CRITICISM*, AFIRMA QUE O QUE PODE SER ENSINADO E O QUE PODE SER APRENDIDO DO OBJETO LITERÁRIO, TRANSITIVAMENTE, É A PRÓPRIA CRÍTICA DA LITERATURA. GOSTARIA DE SABER A SUA POSIÇÃO A RESPEITO DESSA INDISSOCIAÇÃO.

Creio que Frye há de ser pensado em relação ao contexto dos anos 50, quando sua *Anatomy* foi escrita. A partir da década seguinte até o fim do milênio, houve uma tremenda reviravolta no pensamento das chamadas ciências sociais. A crítica literária é por certo o meio prático pelo qual se julga uma certa obra ou certo período. Mesmo porque ela é o modo de julgar a obra, sua maneira de fazê-lo precisa ser tematizada. A tematização do proceder da crítica constitui a dimensão teórica. Por ex., entre nós, são mais do que difundidos os modos deterministas. Para considerar-se sua validade ou não, que fazer senão examinar o próprio procedimento determinista?

4) CONSIDERANDO QUE A CRÍTICA E A TEORIA NÃO RESPONDEM APENAS PELO ATO DE CRITICAR E DE TEORIZAR, MAS TAMBÉM PELO DIREITO QUE POSSUEM DE EXERCER SUAS QUALIDADES, COMO O SENHOR AVALIA, NO BRASIL, A RELAÇÃO DAS PROPOSIÇÕES TEÓRICAS COM O EMPENHO ANALÍTICO, E O DIREITO DE CADA UM DESSES EXERCÍCIOS DE SE REALIZAREM? A PARTIR DO *CONTROLE DO IMAGINÁRIO*, OBSERVAR-SE-IA TAMBÉM UM *CONTROLE DA TEORIZAÇÃO*?

Me atendo à base da pergunta. A questão do controle face à teorização. De imediato, o controle do imaginário é também um controle da teorização. Mas dizê-lo é recorrer ao aspecto fácil da questão. Em princípio, não há possibilidade de vida humana sem controle. Digo-o assim seja porque entendo que, além da aceção negativa, o controle tem um aspecto positivo. Mas a distinção ainda não é suficiente, pois o controle positivo – por exemplo, a capacidade de resistir à vontade de deixar de lado as questões difíceis – rapidamente pode se transformar em negativo. Seja o caso da teorização. Como ela exige capacidade de exercício da razão, junto com sensibilidade, facilmente ela pode se desligar desta segunda e se tornar mera racionalização. A não teorização é portanto uma forma de controle, como a teorização pode se tornar na mesma coisa. Em suma, a questão envolve o próprio limite da teorização. Limite porque só o exame do que se faz permitirá dizer se o controle teve uma aceção positiva ou transbordou de seu limite.

5) SEUS ÚLTIMOS TRABALHOS LEVAM A QUESTÃO DA MIMESIS AO UNIVERSO DA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA. COMO (E SE) PODERÍAMOS ARTICULAR A TRADIÇÃO CENTRAL DO *MÄNGELWESEN* [CARÊNCIA CONSTITUTIVA] CADA VEZ MAIS PRESENTE EM SEUS ARGUMENTOS E QUE TEM COMO NÚCLEO A IDEIA DE HOMEM COMO UMA CRIATURA DESPROVIDA DE DISPOSITIVOS ESPECÍFICOS PARA UM COMPORTAMENTO FRENTE À REALIDADE E QUE, EM RAZÃO MESMO DESSA CARÊNCIA, À MEDIDA QUE NÃO SE ENCAIXA IMEDIATAMENTE NESSA REALIDADE, É LEVADO À ULTRAPASSA-LA E A CONCEPÇÃO LIGADA À FILOSOFIA DAS FORMAS SIMBÓLICAS E MAIS ESPECIFICAMENTE A IDEIA DE HOMEM COMO UM *ANIMAL SYMBOLICUM*, DE ERNST CASSIRER?

Frequentei as obras de Cassirer há muitos anos e não pretendo lembrar-me delas com eficiência. Pelo pouco que recordo, definir o homem como animal simbólico significa opor-se à sua caracterização apenas determinista, por exemplo, de modo causalista ou evolucionista. Neste ponto, estamos de acordo. Mas isso não dá margem para que responda suficientemente bem à sua questão.